



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

THAMIRES THAYANE COSTA DO NASCIMENTO

**A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA NA REDE PRIVADA DE  
ENSINO:**

**Um Estudo de caso sobre a Parceria Escola-Família**

João Pessoa - PB

2017

THAMIRES THAYANE COSTA DO NASCIMENTO

**A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA NA REDE PRIVADA DE ENSINO:**

**Um Estudo de caso sobre a Parceria Escola-Família**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentada como exigência para  
obtenção do grau de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Federal da  
Paraíba.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Sandra Alves da Silva Santiago

João Pessoa - PB

2017

N244i Nascimento, Thamires Thayane Costa do.

A inclusão de uma criança com TEA na rede privada de ensino: um estudo de caso sobre a parceria escola-família / Thamires Thayane Costa do Nascimento. – João Pessoa: UFPB, 2017.

66f. : il.

Orientadora: Sandra Alves da Silva Santiago  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Inclusão. 2. Transtorno do espectro autista. 3. Parceria família-escola. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.064.2(043.2)

**THAMIRES THAYANE COSTA DO NASCIMENTO**

**\*A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA NA REDE PRIVADA DE  
ENSINO:**

**Um Estudo de caso sobre a Parceria Escola-Família**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em  
Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, como pré-requisito para a  
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 30/11/17

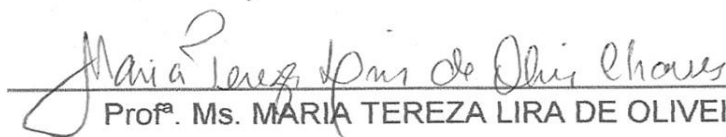
**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> SANDRA ALVES DA SILVA SANTIAGO – UFPB



Prof<sup>ª</sup>. Ms. ANA MARIA NOBREGA DE SOUSA - UFPB



Prof<sup>ª</sup>. Ms. MARIA TEREZA LIRA DE OLIVEIRA CHAVES - UFPB

Dedico este trabalho primeiramente a  
Deus e aos meus queridos pais Maria  
José e Dorivaldo Alves.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, a quem devo minha vida, tudo que tenho e tudo que sou.

A minha mãe, Maria José, que não mediu esforços para que eu pudesse concluir o curso, sempre me incentivando e me ajudando. É a minha maior referência de mulher e profissional.

Ao meu pai Dorivaldo Alves, pelo grande exemplo de trabalho, honestidade, fé e amor. Obrigada por tudo. Amo muito vocês!

A minha querida irmã, Thâmisa Thalita, a quem eu amo infinitamente. Obrigada por sempre estar comigo em todos os momentos.

Deixo meu abraço a toda minha turma de pedagogia 2013.1 que durante todos esses anos de graduação foram como uma família para mim. Em especial a minha grande amiga, Valéria Vieira, que esteve comigo em todos os momentos, demonstrando seu afeto, solidariedade e amor.

À minha orientadora, prof. Dra. Sandra Santiago, uma profissional extremamente qualificada, na qual me espelho. Expresso toda a minha admiração pela sua competência e gratidão por toda sua atenção, dedicação e esforço. Jamais esquecerei os ensinamentos aprendidos nas suas maravilhosas aulas, fizeram aumentar ainda mais a minha paixão pela Educação Especial.

Eu não poderia deixar de agradecer a todos os professores, que contribuíram na minha formação.

A Yolanda Ribeiro que contribui na elaboração deste trabalho.

A Deus toda honra e toda glória!

“Você pode ser feliz fazendo aquilo que agrada seu coração, mas só será completo de verdade quando entender qual é a sua missão.”

(Gustavo Paiva)

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Aluno com dificuldade na interação e em se manter sentado..... | 42 |
| Figura 2 - Aluno com dificuldade de olhar para as câmeras.....            | 43 |
| Figura 3 - Aluno e sua habilidade com os desenhos.....                    | 44 |
| Figura 4 - Aluno andando pela sala na feira de ciências .....             | 45 |
| Figura 5 - Aluno na sua formatura do ABC cantando o hino nacional.....    | 47 |
| Figura 6 - Aluno participando efetivamente da feira de ciências.....      | 49 |
| Figura 7 - Aluno sentado na sala.....                                     | 51 |
| Figura 8 – Aluno realizando atividade.....                                | 51 |
| Figura 9- Desenho realizado pelo aluno.....                               | 52 |
| Figura 10 - Escrita do aluno para se referir a: A moeda de chocolate..... | 52 |



## LISTA DE QUADROS

|                                              |    |
|----------------------------------------------|----|
| Quadro1 - Professores da Escola de Y.....    | 31 |
| Quadro 2 - Faixa etária dos professores..... | 38 |
| Quadro 3 - Formação docente.....             | 38 |
| Quadro 4 - Nível de atuação.....             | 39 |
| Quadro 5 - Roteiro de Observação - 2012..... | 41 |
| Quadro 6 - Roteiro de Observação - 2013..... | 42 |
| Quadro 7 - Roteiro de Observação - 2014..... | 44 |
| Quadro 8 - Roteiro de Observação - 2015..... | 46 |
| Quadro 9 - Roteiro de Observação - 2016..... | 48 |
| Quadro 10 -Roteiro de Observação - 2017..... | 49 |

## **RESUMO**

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso, cujo objetivo é analisar o processo de inclusão de uma criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA matriculada no ensino regular em uma escola particular em João Pessoa. O trabalho parte de uma revisão de literatura a respeito da inclusão, do TEA e suas particularidades, além do papel da escola e da família no desenvolvimento de uma criança com TEA, bem como sobre os desafios e a necessidade de uma formação adequada dos professores a fim de que a inclusão se efetive. Desse modo, configurou-se numa pesquisa de natureza qualitativa, cuja metodologia utilizada foi um estudo de caso. E, por instrumentos de pesquisa dispomos de um questionário destinado aos professores que lecionam na escola particular do referido aluno; uma entrevista com a mãe da criança; um roteiro de observação do comportamento escolar do aluno na escola, ao longo dos anos de 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e parte de 2017. Os resultados revelaram que os professores conhecem um pouco sobre o TEA, mas não possuem cursos de capacitação e formação específica, mas, foram em busca de estratégias, quando a necessidade se fez presente. Os resultados revelaram que se houvesse mais conhecimento a respeito das metodologias de atendimento ao TEA, mais benefícios teriam sido registrados, mas, que o grande diferencial nesse caso foi à parceria entre família e a escola.

**Palavras – chave:** Inclusão. TEA. Parceria família e escola.

## **ABSTRACT**

The present study is a case study, whose objective is to analyze the process of inclusion of a child with Autism Spectrum Disorder enrolled in regular education in a private school in João Pessoa. This work is based on a review of the literature on inclusion, the TEA and its particularities, the role of the school and the family in the development of a child with ASD, as well as the challenges and the need for adequate training of teachers. so that inclusion is effective. Thus, it was configured in a qualitative research whose methodology was a case study. And, by means of research instruments we have a questionnaire for teachers who teach in the private school of said student; an interview with the child's mother; a road map for observing student behavior in school, throughout the years of 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 and part of 2017. The results revealed that the teachers know a little about TEA, but did not have training courses and specific training, but went in search of strategies when the need was present. The results revealed that if there was more knowledge about the methodologies of TEA care, more benefits would have been registered, but that the great differential in this case was the partnership between family and school.

**Keywords:** Inclusion. ASD. Family and school partnership.

## SUMÁRIO

|          |                                                    |    |
|----------|----------------------------------------------------|----|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b>                                  | 11 |
| <b>2</b> | <b>CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA</b> | 14 |
| 2.1      | O que é o Transtorno do Espectro Autista.          | 14 |
| 2.2      | Contexto Histórico                                 | 15 |
| 2.3      | Disfunções Específicas do TEA                      | 18 |
| 2.3.1    | Disfunção na socialização                          | 18 |
| 2.3.2    | Disfunção no Comportamento                         | 19 |
| 2.3.3    | Disfunções na Comunicação                          | 20 |
| 2.4      | O Papel da Família                                 | 22 |
| 2.5      | O Papel da Escola                                  | 25 |
| 2.6      | Recursos pedagógicos para crianças com TEA         | 27 |
| 2.6.1    | ABA                                                | 27 |
| 2.6.2    | TEACCH                                             | 28 |
| 2.6.3    | PECS                                               | 30 |
| <b>3</b> | <b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>                 | 31 |
| 3.1      | Tipo de Pesquisa                                   | 31 |
| 3.2      | Sujeitos da Pesquisa                               | 31 |
| 3.3      | Instrumentos da Pesquisa                           | 32 |
| 3.4      | Análise dos Dados                                  | 33 |
| 3.4.1    | Entrevista com a mãe de Y                          | 33 |
| 3.4.2    | Questionário com os Professores                    | 38 |
| 3.4.3    | Observação com registro em roteiro                 | 40 |
| <b>4</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                        | 53 |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b>                                 | 56 |
|          | <b>APÊNDICES</b>                                   | 58 |

## 1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a Educação Especial não é algo novo, já existe há muito tempo. Felizmente se pararmos para analisar o seu processo histórico contemplaremos uma grande caminhada até chegar os dias atuais, podemos admitir que há algumas conquistas e muitos obstáculos ainda por superar.

Enquanto um processo histórico, a educação para pessoas com deficiência vivenciou vários momentos. De início, sabe-se que a postura da sociedade para com esses indivíduos era de total exclusão. A educação, por sua vez, não consistia em direito de todos, então, se limitava a alguns grupos privilegiados. Nesse contexto, as pessoas que não fossem consideradas normais, ou seja, que apresentasse algum tipo de deficiência, transtornos ou dificuldades, que afetassem a aprendizagem ou o comportamento eram totalmente excluídas.

Esse tempo de total abandono e de exclusão é longo no tocante à educação de pessoas com deficiência ou com outros transtornos. É, somente, em meados do século XIX que se registram iniciativas diferenciadas para com esses indivíduos. Essa nova etapa fica conhecida, mais tarde, como um período de segregação, quando pessoas com deficiência, dificuldades ou transtornos passam a ser assistidas em instituições. Apesar dos avanços que se evidenciam nessa nova configuração assistencial, essas ainda se veem marginalizadas, pois, não conseguem conviver e usufruir dos mesmos direitos que as demais.

O século XX vai testemunhar um novo processo, o de integração, marcado pela tentativa de aproximação da pessoa com deficiência, dificuldades ou transtornos e a sociedade. No contexto educacional o maior objetivo é o de inserir os alunos considerados diferentes na escola regular.

Entretanto, apesar dessa aproximação, a ideia de participação plena desses indivíduos ainda se distancia do que se considera satisfatório. Algumas críticas apontam para o fato de que nesse modelo integrador, as escolas funcionavam apenas como um depósito, pois as crianças lá permaneciam em salas especiais, esperando o momento em que estivessem totalmente adaptados à escola para poder adentrar nas classes regulares.

Sobre esse modelo, Mantoan (2015, p. 10) destaca:

[...] nada mais fora que um anúncio da possibilidade de inclusão escolar para aqueles estudantes que conseguissem adequar-se à escola comum, sem que esta devesse revisar seus pressupostos”.

A partir dessas críticas é que vai se consolidando um novo modelo educacional: a inclusão. Pode-se destacar como um dos marcos iniciais da educação inclusiva a Declaração de Salamanca (1994), um documento mundial elaborado na Espanha que propõe a inclusão social, trazendo a educação como direito de todos.

Atualmente temos o processo de inclusão que propõe uma educação para todos, colocando na escola o papel de se adaptar a todos os alunos, independentemente de suas necessidades. Mas, na prática, sabe-se que muitas escolas não estão preparadas para acolher a diversidade humana, não só na estrutura física, mas em competências e práticas que respeitem às diferenças, desde a educação infantil até o nível superior.

No Brasil temos uma vasta legislação (BRASIL, 1996; 2001; 2008; 2015) que se compromete com as recomendações inclusivas. Nessa perspectiva, a Educação Especial é compreendida como modalidade de ensino que perpassa todos os níveis de ensino e é responsável pelo atendimento educacional especializado (AEE) para estudantes com deficiência, com transtornos globais de desenvolvimento ( onde se insere o TEA) e com altas habilidades\superdotação. (Alonso, 2013). No entanto, entre a lei e o cumprimento dela há uma distância muito grande.

Diante disto, esse estudo parte dessa preocupação em analisar o processo de inclusão, especialmente num contexto pouco investigado: a rede privada de ensino. Portanto, questionamos: como vem ocorrendo o processo de inclusão de estudantes com TEA na rede privada de ensino?

Destacamos o fato de que há aproximadamente 2 milhões de pessoas com TEA no Brasil e 70 milhões no mundo, com diferentes variações e diferentes características (ONU, 2010) e da necessidade premente de que se explore mais o assunto. Assim, nosso objetivo é analisar o processo de inclusão de uma criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA matriculada no ensino regular em uma escola particular em João Pessoa, considerando o papel da família e da escola como elementos decisivos para que haja superação e inclusão.

Esse trabalho se desenvolveu baseado em uma pesquisa de natureza qualitativa, pautada no estudo de caso, junto a um aluno diagnosticado com TEA. A escolha desse tipo de abordagem se deu, pois, concordamos com Yin (2015) que afirma, seja qual for o campo de interesse, a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso, surge do desejo de entender fenômenos sociais complexos. Nessa direção, fizemos uso de um acompanhamento longitudinal ( ao longo de 5 anos), com registro em diário de campo, entrevista com a mãe e aplicação de questionários com os professores da instituição.

Esperamos, ao final, ter contribuído com as reflexões na área, abrindo novas perspectivas de análise, além de aumentar o interesse para a rede privada, ainda tão carente de investigações e subsídios para realizar a inclusão que nossa legislação prescreve.

## 2 CONHECENDO O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

### 2.1 O que é o Transtorno do Espectro Autista.

Hoje em dia muito se fala em autismo, mas a maioria das pessoas não entende muito sobre o assunto e acabam criando ideias equivocadas sobre a realidade do transtorno do espectro autista. De acordo com Silva *et al* (2012), o TEA, em crianças, é mais comum que o câncer, a Aids e o diabetes.

O autismo é uma palavra grega que quer dizer voltar-se para si mesmo, e se trata de um distúrbio no desenvolvimento humano que envolve dificuldades na comunicação, no comportamento e na socialização. Seus primeiros sintomas acontecem antes dos três anos de idade.

O transtorno se manifesta mais em meninos, pesquisas constataram que a cada cinco diagnósticos quatro são meninos e uma é menina. No entanto, segundo Teixeira (2017, p.30), “casos de autismo em meninas costumam ser mais graves, comprometedores e incapacitantes, quando comparados aos casos no sexo masculino”.

De modo geral, quando as pessoas pensam em uma pessoa com TEA logo imaginam uma pessoa isolada, que não consegue manter contato visual e que mexe seu corpo sem parar, mas, é preciso entender que o TEA tem suas diferentes maneiras de se manifestar. (SILVA *et al*, 2012). Por esse motivo não podemos nos utilizar do termo “autista” e sim Transtorno do Espectro Autista, pois devemos considerar que o transtorno reúne diferentes variações. Nem sempre uma pessoa com TEA vai apresentar as mesmas características que outra, mesmo tendo o mesmo diagnóstico. É importante destacar que vai depender do tipo de variação do transtorno, bem como das intervenções que são realizadas.

Segundo Silva *et al* (2012) o TEA pode ser dividido em quatro tipos: traços leves do autismo, síndrome de Asperger, autismo clássico e de alto funcionamento.

Sobre os traços leves do autismo considera-se que são aqueles indivíduos que apresentam apenas algumas características do transtorno. Já a síndrome de Asperger são sujeitos que não possuem deficiência intelectual e uma das características mais



marcantes é o grande interesse por uma área do conhecimento. Apresentam traços, especialmente no uso da linguagem social.

O autismo de alto funcionamento corresponde aos casos que não apresentam déficits cognitivos, mas apresentam dificuldade na linguagem social ou ligadas ao comportamento. E o autismo clássico seriam aqueles que se situam na extremidade do espectro, podendo ser totalmente não verbais, ter deficiência intelectual, ser dependente de ajuda para efetuar coisas mais simples, etc.

(SILVA *et al*, 2012).

De outro modo, o TEA também pode ser entendido a partir do que preceitua o Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM- V), publicado em 2013. Nesse documento, bem utilizado na área de saúde, o TEA é classificado como: Leve, Moderado e Severo. Neste estudo, utilizaremos a definição de Silva *et al* (2012), pois entendemos que se aplica melhor as discussões na área da educação, conforme nos propomos.

## **2.2 Contexto Histórico**

O primeiro a falar sobre o autismo foi Eugene Bleuler, um médico especialista em psiquiatria pediátrica, mas quando o mesmo utilizou o termo – mas precisamente em 1911 – tal expressão foi adotada para se referir as pessoas que tinham dificuldade para interagir e uma tendência para se isolar. O termo “autismo” não estava em voga, portanto, na ocasião, embora Bleuler houvesse apresentado características do autismo, os sintomas foram definidos como de esquizofrenia. (STELZER, 2010).

Mais tarde, em 1943, o médico austríaco Leo Kanner descreveu o TEA de maneira mais detalhada, em seu artigo denominado Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. O mesmo analisou 11 crianças com características parecidas como, por exemplo: apego as rotinas, ecolalia tardia ou imediata, crianças que colocavam os pronomes oblíquos antes do verbo, entre outros aspectos. Ao analisar também os pais das crianças com TEA, Kanner colocava a responsabilidade do comportamento dessas crianças nas mães, alegando que o contato entre elas era sem afeto. Mas, a frente Kanner praticamente se retrata a respeito do que afirmou, identificando pais mais preocupados com a saúde de seus filhos, afetuosos, etc. (SILVA *et al*, 2012). Mas sem

dúvida que essa afirmação repercutiu bastante na área, sendo desfeita a custo de muito sofrimento, especialmente das mães de crianças com TEA.

O autismo descrito por Kanner teve muita repercussão e uma grande importância, pois a partir de então foi possível distinguir o que era comportamento esquizofrênico e o que era comportamento autístico. No ano seguinte, é Hans Asperger, um pediatra austríaco, que trará contribuições para a área. Asperger observou mais de 400 crianças, e constatou semelhanças e diferenças nas características descritas por Kanner (MARINHO *et al*, 2009), mas um diferencial que apontou para o diagnóstico de uma variação do autismo, que recebeu o nome do seu descobridor: a síndrome de Asperger.

Sobre esse assunto, Klin (2006, p. 59):

Ao contrário dos pacientes de Kanner, essas crianças não eram tão retraídas ou alheias; elas também desenvolviam, às vezes precocemente, uma linguagem altamente correta do ponto de vista gramatical e não poderiam, de fato, ser diagnosticadas nos primeiros anos de vida.

Lorna Wing é outra psiquiatra que também produziu na área do autismo. Além disso, Wing era mãe de uma criança com as características autísticas. Ela foi a primeira a se referir as três principais áreas de comprometimento autístico: socialização, comunicação e comportamento (SILVA *et al*, 2012).

Esse é um marco importante para o diagnóstico do TEA, mas, é válido salientar que o diagnóstico não é utilizado para curar o transtorno, pois os comprometimentos típicos vão fazer parte da vida de uma pessoa com TEA, embora, possam ser minimizados, quanto mais cedo forem diagnosticados e intervindos. Por outro lado, cabe destacar que, embora haja um conjunto de sintomas semelhantes, eles não irão manifestar-se com a mesma intensidade em todos os sujeitos. Hoje, se sabe que existem variações no quadro autístico e por isso, o modo mais adequado de conceber o quadro como TEA (Transtorno do Espectro do autismo), considerando que para além das variações apresentadas pelo espectro, é preciso respeitar as diferenças individuais, pois nenhum indivíduo é igual ao outro, ainda que apresentem as mesmas características.

Neste sentido, Silva *et al* (2012) considera que, antes o TEA era visto de maneira equivocada, pois se conceituava toda variação como autismo e isso dificultava a

identificação de casos mais leves associados ao transtorno. Se, no passado, o TEA fora associado à esquizofrenia, no presente, se percebe que há ainda pouca informação a respeito. Não se pode negar que, com o passar dos anos, quando aumentaram os estudos aprofundados na área, o conceito errôneo associação do autismo à esquizofrenia foi se extinguindo, mas, há ainda bastante mito a respeito do assunto. É, somente, por volta da década de 80, que o espectro do autismo passa a ser melhor investigado e, conseqüentemente, melhoram as intervenções.

Apesar dos avanços, a pesquisa na área ainda é escassa, e em termos científicos, pode ser considerada bastante recente. Como vimos, a incidência do TEA deve ter registros ainda mais antigos que os dados da pesquisa, mas, estamos no início das descobertas, pois não se sabe as causas e, portanto, nem a cura. No entanto, os tratamentos já são mais discutidos e valorizados (SILVA, *et al* 2012). Nos últimos anos, felizmente, verifica-se um crescimento de pessoas interessadas no tema, o que repercute nas pesquisas, publicações na área e aumenta a qualidade das intervenções desenvolvidas.

Na atualidade o Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM- V) retifica o TEA apresentando seus principais sintomas e suas características diversas e específicas que diferenciam esse público.

No Brasil, cresce também o número de instituições ou de escolas que passam a preocupar-se no atendimento educacional junto a esses sujeitos. Instituições como a AMA (Associação de Amigos do Autista), que iniciou sua fundação na cidade de São Paulo e que vem se expandindo por todo Brasil, e contribuindo com a área. A AMA é uma organização que tem como missão promover o desenvolvimento e inclusão social das pessoas com autismo, além do mais, oferecer a família instrumentos para uma melhor convivência no lar e em sociedade. (SILVA *et al*, 2012).

Recentemente, observamos a existência de várias campanhas, além da instituição do Dia Mundial da Conscientização do Autismo, comemorado em 2 de Abril. Essas são ações que ajudam a conscientizar e informar a população acerca do TEA. (SILVA *et al*, 2012).

## 2.3 Disfunções Específicas do TEA

Dentro da tríade do TEA como descreveu Lorna Wing (apud SILVA, 2012) encontra-se disfunções de socialização, de comportamento e de comunicação, as quais passaremos a expor.

### 2.3.1 Disfunção na socialização

Uma pessoa com o Transtorno do Espectro Autista irá apresentar essa dificuldade, sendo ela uma das suas maiores característica.

Devido às variações que o TEA apresenta, uns podem apresentar barreiras maiores ou menores no tocante ao contato com as pessoas, podendo variar de uma dificuldade em fazer amizades novas, até a um completo isolamento. Nas palavras de Silva (2012, p. 22 ):

Pessoas com autismo, no entanto, apresentam muitas dificuldades na socialização, com vários níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras que não conseguem se socializar com ninguém; e aqueles que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas inclusive para alguns profissionais

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014, p. 91):

Déficits na reciprocidade sócio emocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.

Diante disso, a criança com TEA necessitará de ajuda e condições para que a mesma possa interagir socialmente. A criança com TEA precisa de estímulos variados para melhorar o processo de socialização. Não é se isolando, evitando o contato que se ajuda uma criança com TEA. É importante que pais e educadores tenham esse conhecimento, para não reforçar o isolamento que alguns casos revelam. Assim, atividades fora de casa, com pessoas novas e em ambientes diferentes são importantes. Essas são atitudes simples que contribuem para a interação social dessas crianças. Nas palavras de Rodrigues *et al* (2015, p.23) "é importante salientar a

probabilidade de diminuição dos sintomas, principalmente quando a criança autista, logo cedo, é inserida em um ambiente que propicie a estimulação da interação social”.

O problema é que, muitas vezes, essas não são ações fáceis. Portanto, diante dos desafios que significa, para alguns casos, sair com a criança com TEA, a tendência familiar é evitar o contato social.

Por outro lado, muitas pessoas acham que as crianças com TEA se isolam por que querem. Segundo Silva *et al* (2012, p. 12), “não, necessariamente, porque estão desinteressados, mas porque não sabem e não aprenderam a arte de interagir e manter vínculos”.

Silva (2012) ainda esclarece que podemos observar desde um pequeno bloqueio na questão da socialização das crianças com TEA até casos mais complexos. Para a autora, a disfunção de socialização se evidencia quando as crianças com TEA não estendem os braços para um abraço, quando preferem ficar distantes de outras crianças, sempre isoladas no seu canto, ou quando não se sentem bem em ambientes com muitas pessoas. Nestas situações, a criança com TEA tende a ficar agitada, não estabelece contato visual, tem dificuldade em demonstrar sentimento de carinho pelas pessoas, se apegando mais a animais e objetos, etc. Geralmente, são esses comportamentos que acontecem desde bem cedo que, chamam a atenção dos pais, mas, que dificultam o diagnóstico, pois, muitos confundem esses sintomas autísticos com birra, timidez, etc.

### 2.3.2 Disfunção no Comportamento

Outra característica de uma pessoa com TEA refere-se a maneira de se comportar. Ao observar uma criança com o transtorno veremos que a mesma pode apresentar movimentos estereotipados e repetitivos, andam e correm de um lado para o outro, balançam a cabeça e os braços, andam na ponta dos pés, sem nenhum motivo começam a rir ou a chorar, enfim, assumem comportamentos inadequados ao ambiente.

Segundo Silva (2012), as crianças com TEA brincam com os brinquedos de forma inapropriada, possuem um apego a objetos, bem também alguns interesses

restritos, se fixando em determinado assunto. Para a autora “é comum, por exemplo, uma criança, em vez de pegar o carrinho e brincar como se estivesse em uma rodovia, ficar apenas girando e olhando a rodinha do brinquedo” (SILVA, 2012, p.30).

Nas palavras de Teixeira (2017, p.80), “essas pessoas frequentemente apresentam interesses peculiares e podem passar horas assistindo ao canal da previsão do tempo na televisão ou estudando exaustivamente seus assuntos preferidos [...]”.

Uma das dificuldades também destacadas pelos estudiosos na área é a necessidade de seguir uma rotina. Quando algo muda ou acontecem de maneira espontânea, às crianças com TEA se sentem incomodadas, pois as mesmas costumam realizar atividades sempre da mesma forma.

Grande parte das crianças com autismo é hipersensível, ou seja, elas não gostam de ambientes com muito barulho, ficam irritadas e costumam colocar as mãos no ouvido. Nessas ocasiões, podem – inclusive – reagir de forma agressiva (ou auto-agressiva), como ocorre com casos de autismo clássico. É preciso muita calma e paciência para trabalhar o autocontrole da criança e tentar tranquilizá-la.

Outra questão que merece atenção é o fato de que a criança com TEA possui dificuldades com a imaginação. Enquanto as demais crianças, desde cedo, gostam de brincar de faz de conta, as crianças com TEA tendem a resistir a essas brincadeiras.

Nas palavras de Silva *et al* (2012, p. 24):

Os padrões de comportamento das pessoas com autismo independem de raça, nacionalidade ou credo desses indivíduos. É fácil identificarmos comportamentos autísticos mesmo em um estrangeiro, pois não estão relacionados aos costumes de um povo ou outros moduladores, e sim ao desenvolvimento particular dessas pessoas.

### 2.3.3 Disfunções na Comunicação

Outra dificuldade que é evidente em uma pessoa com TEA se refere à comunicação verbal e não verbal, ou seja, em muitos casos, não consegue se comunicar através da fala, de gestos ou de expressões faciais ou corporais. Muitas

crianças com TEA podem até não adquirir a linguagem, e outras começam a falar muito tarde, podendo ainda vir acompanhada da ecolalia.

No caso em que a ecolalia se manifesta, ela pode ser de dois tipos: imediata ou tardia. Na ecolalia imediata, ocorre quando a criança repete algo que acabou de ouvir. E na ecolalia tardia é quando a repetição de frases ou palavras se refere a informações que foram ouvidas há algum tempo. (SILVA *et al* 2012).

De acordo com Marinho *et al* (2009, p.8), “estima-se que cerca de cinquenta por cento dos autistas não desenvolvem a linguagem durante toda a vida”. E de acordo com Silva, algumas crianças podem apresentar inversão de pronomes, utilizando a terceira pessoa no lugar da primeira pessoa pronominal, quando se refere a si mesmo. Tem alguns em que a fala se desenvolve de uma maneira robotizada. (SILVA, 2012).

A mesma autora destaca que, por não possuírem a linguagem verbal e gestual, crianças com TEA tendem a usar seus pais e educadores como instrumentos para conseguir o que desejam. Desse modo, é preciso sempre estimular a fala dessas crianças, evitando que elas se fixem em objetos ou tecnologias, pois pode acontecer da criança não progredir ou perder alguma habilidade que já possuía.

Desse modo, é necessário que a criança com TEA seja encorajada a interagir com outras crianças e também é indispensável proporcionar oportunidades de comunicação como, por exemplo, a utilização da CAA - Comunicação Alternativa Aumentativa - que é um conjunto de vários métodos de comunicação que podem ajudar as pessoas com TEA ou qualquer outra pessoa que tenha dificuldades correlatas à comunicação. Seus métodos são bem diversificados para atender as particularidades de cada indivíduo, utilizando a alta tecnologia, mas, também instrumentos simples. (LEITE, 2014).

De acordo com Silva *et al*:

Para se estabelecer uma relação verdadeira com a criança que tem autismo, temos que nos abrir para uma nova forma de entendimento compartilhado, que inclua novos sinais e significações que sejam compreensíveis para ela. (SILVA *et al*, 2012, p.183).

O PECS é um tipo de CAA que proporciona a comunicação de crianças com TEA, falaremos a respeito dele mais a frente.

## 2.4 O Papel da Família

Sabemos que a família na vida de uma criança com TEA tem uma participação importantíssima, tornando mais fácil a integração dela na escola e no processo ensino aprendizagem. No entanto, geralmente, a família demora a procurar a escola para seu filho com TEA, porque uma das maiores dificuldades enfrentadas é o diagnóstico. Geralmente, o mesmo acontece tardiamente, o que atrapalha as intervenções precoces.

Sobre o assunto, Teixeira (2017, p.20) destaca que “o diagnóstico precoce é fundamental no processo de tratamento”. Portanto, “crianças diagnosticadas precocemente tem uma chance muito maior de apresentarem melhorias bastante significativas” na escolarização e na inclusão (TEIXEIRA, 2017, p.20). Fica claro que quanto mais cedo forem diagnosticadas, mais chances terão as crianças com TEA de avançarem no desenvolvimento.

Por outro lado, há alguns pais que não observam algo de diferente no filho nos primeiros anos de vida, retardando, assim, a busca por intervenção. Segundo Silva (2012), os sintomas aparecem, necessariamente, antes dos três anos de idade, e quando os pais percebem precocemente os sintomas, toda ajuda pode chegar mais cedo. Entre os sintomas mais comuns nos bebês, destacamos o de não gostar de colo, a dificuldade de manter um contato físico, a fala tardia, a sensibilidade aos sons, etc. São, portanto, sinais que evidenciam algo de diferente, e a busca pelo diagnóstico inicia-se a partir daí. É importante destacar que esses são alguns dos sintomas do TEA, mas, não podem encerrar um diagnóstico, apenas guiar, pois, o mesmo necessita de uma combinação de vários critérios. (RODRIGUES *et al*, 2015)

Entre os fatores que dificultam o diagnóstico destacamos a ignorância por parte dos pais sobre o assunto. Muitos pais até reconhecem um comportamento diferenciado, mas negam a realidade para si mesmo. A sociedade, na sua maior parte leiga, ao observar uma criança com o transtorno, tendo em vista seus comportamentos inadequados, chegam a culpar os pais, acreditando na má educação dada pelos mesmos. Em alguns casos, também os pais se culpam pela situação.

A culpa é um dos sentimentos que os pais passam a sentir no momento que recebem o diagnóstico. Mas, além da culpa, alguns chegam a sentir raiva, medo,



incertezas entre outros sentimentos, e é nessa hora que eles precisam se unir ainda mais para procurar grupos de apoio, famílias que apresentam uma realidade parecida para que possam, assim, trocar experiências, angústias e conquistas.

Nas palavras de Mello (2012, pag. 65):

Receber o diagnóstico de autismo é sempre impactante para os pais. A partir desse momento, brota um turbilhão de situações e emoções inesperadas no seio família: angustias, conflitos, frustrações, medos, inseguranças.

Segundo Mello (2012), o maior problema ao receber o diagnóstico, é que muitos pais almejam a cura do seu filho. No entanto, até o momento, se sabe que não existe cura, mas, existem tratamentos, acompanhamentos, terapias que tendem a minimizar as disfunções comportamentais, de comunicação e de socialização.

Quando a família chega ao momento da aceitação, sem dúvida alguma, passa a colaborar para o desenvolvimento da criança com TEA. Pouco a pouco a família precisa entender o TEA como uma maneira diferente de ver o mundo, que acompanhará a criança ao longo de sua vida e que, portanto, precisará de apoio e compreensão familiar constante.

Nesse sentido, Mello (2007) dá algumas dicas para a família, tais como: 1. Tire todas as suas dúvidas quanto ao diagnóstico do seu filho (não tenha medo ou vergonha de perguntar); 2. Permita-se sofrer (este é realmente um momento muito doloroso, com o tempo você vai criar novos sonhos e outros objetivos vão surgir, mas no início é importante viver a sua dor); 3. Reaprenda a administrar o seu tempo (você precisará reorganizar a sua vida para investir no seu filho. Procure centros de tratamento especializado); 4. Saiba quais são os objetivos em curto prazo para o seu filho (é através disso que você poderá avaliar se o tratamento está sendo eficaz); 5. Evite todos que lhe acenarem com curas milagrosas, todos que atribuírem a culpa do autismo aos pais e todos os profissionais desinformados ou desatualizados.

É importante que a escola e a família caminhem sempre juntas, com objetivos comuns, pois não adianta a escola fazer todo um trabalho de intervenção buscando que aquela criança se desenvolva, conquiste sua autonomia, para ao retornar a sua casa a família desfaça esse trabalho. A casa deve ser um ambiente onde possa acontecer a

continuação do tratamento, como por exemplo, na questão da autonomia. Os pais não podem fazer tudo para a criança, como tirar a roupa, guardar os brinquedos, abrir uma porta, etc. É preciso compreender que as crianças com TEA são tão capazes de aprender como qualquer outra criança. Mas, tendem a não querer fazê-lo ou utilizar os outros como instrumentos para realizar suas vontades. Por isso, a família precisa ser orientada.

Conforme declara Mello (2007, p. 54)

Incentive seu filho a se vestir sozinho. Uma técnica muito utilizada é começar deixando apenas o último passo para ele. Se estiver ensinando a vestir uma camiseta, coloque tudo e deixe apenas que ele puxe para passar a cabeça; se for uma calça, coloque as pernas e deixe que ele a puxe até a cintura. Assim ele entenderá que a ação era vestir a peça. Vá retrocedendo em pequenos passos até que ele execute a ação de forma inteiramente independente (MELLO, 2007, p. 54).

Mello (2007) também ressalta que é de extrema importância que os pais elogiem, beijem, abracem, façam carinho nos seus filhos sempre, em cada conquista da criança. Sem dúvida alguma, a motivação tem grande importância no aprendizado de habilidades e desenvolvimento saudável. Para isso, é importante que a criança com TEA seja incluída em todas as atividades da família. Os pais não devem excluir a criança em razão do TEA ou das disfunções existentes, pois uma das formas de minimizar as dificuldades é inseri-las o máximo possível no cotidiano da família, nas atividades, nos passeios, etc.

Alguns autores consideram que o maior problema é que os pais de crianças com TEA agem, na maioria das vezes, com compaixão e pena, permitindo que seu filho cresça sem limites. A criança com TEA, como qualquer outra, necessita de carinho e limites, mostrando o que é certo e o que é errado, nunca perder a oportunidade de construir comportamentos éticos e sociais. Mas, é compreensível que as famílias de crianças com TEA enfrentem conflitos, medos, insegurança ao lidar com a nova situação.

Nesse sentido, Silva *et al* (2012) adverte que é preciso resiliência. Para a autora, resiliência é

(...) a capacidade que temos de lidar com problemas, superar obstáculos que aparecem em nossas vidas ou resistir às pressões de situações adversas. (SILVA *et al*, 2012, p.156).

## 2.5 O Papel da Escola

A inclusão escolar tem como objetivo inserir, mas, não significa apenas estar presente. Incluir só ocorre quando há participação efetiva dessa criança na escola, não basta ela estar na sala de aula, pois estaríamos voltando para o movimento de integração, quando a escola nada modificou para receber o aluno.

Para Silva *et al* (2012, p. 74), “a vida escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência”. Portanto, a criança com TEA deve estar inserida no contexto escolar e a escola deve respeitar suas particularidades.

Esse é um direito garantido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, nº 9394\96), bem como na Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (2008) e na lei brasileira de inclusão (2015), onde está previsto a matrícula, a aprendizagem e a formação docente adequada a fim de que a inclusão aconteça. Entretanto, sabe-se que na prática ainda temos muitos problemas. Um deles é a falta de formação adequada para os profissionais da escola (não somente para os professores), o que agrava a situação de alunos com TEA, já que os que fazem a escola não se sentem preparados para lidar com essa demanda.

De acordo com Paulon, Freitas e Pinho (2005, p. 9):

Um pressuposto frequente nas políticas relativas à inclusão supõe um processo sustentado unicamente pelo professor, no qual o trabalho do mesmo é concebido como o responsável pelo seu sucesso ou fracasso. É claro que a aprendizagem dos alunos é uma das metas fundamentais, não só dos professores, mas de todo o profissional que esteja implicado com a educação e, sem dúvida, uma prática pedagógica adequada é necessária para alcançá-la.

Segundo Silva *et al* (2012, p. 22), o despreparo dos profissionais pode facilitar que situações virem problemas na escola. E com relação à criança com TEA, é comum que ocorra situações de bullying. Para a autora, “evitar o bullying e proteger essas crianças é obrigação da escola, dos pais e da sociedade”.

É fato que o bullying pode atingir as mais variadas crianças, por motivos banais, mas, o destaque à criança com TEA se dá em razão da mesma não ter a destreza para lidar com o bullying. Em geral, são ingênuas e não conseguem ver maldade nas

peessoas. E em situações onde se sentem desconfortáveis, a tendência é buscar o isolamento social, causando obstáculo ainda maior para uma aprendizagem significativa. Por essa razão, o professor deve estar atento a qualquer discriminação manifesta ou não, a fim de incentivar nos alunos, o respeito às diferenças.

A escola precisa se preparar para atender crianças com TEA, cumprindo o que a legislação determina. É uma obrigação de todos, e não somente do professor ou do cuidador. Como as crianças são diferentes, algumas terão uma resistência maior para o aprendizado, noutros nem tanto. Mas, o fato é que em alguns alunos, o comprometimento é mais grave e nem sempre o desenvolvimento ocorre no tempo que a família espera ou que a escola deseja.

De acordo com Silva *et al*:

Mesmos que as coisas não fluam como gostaríamos, precisamos encontrar caminhos e criar recursos criativos para que elas possam crescer e se desenvolver no ambiente escolar de forma satisfatória. Muitas são as intercorrências que podem surgir no meio do caminho, dentre elas a descoberta do autismo. ( SILVA *et. all*, 2012, p. 75).

É necessário que o professor pense positivo e acredite nas diversas capacidades que uma criança com TEA pode apresentar. O professor deve chamar mais atenção para as potencialidades do aluno e não para as sua limitações. É essa confiança depositada no aluno que contribui para ampliar suas possibilidades de aprendizagem. Evitar pensamentos discriminatórios e acreditar que todas as crianças - inclusive às com TEA - podem aprender, é um primeiro passo para o professor construir uma prática inclusiva.

Nesse sentido, Mantoan afirma:

O professor inclusivo não procura eliminar a diferença em favor de uma suposta igualdade do alunado – tão almejada pelos que apregoam a homogeneidade das salas de aula. Ela está atento aos diferentes tons das vozes que compõem a turma, promovendo a harmonia, o diálogo, contrapondo-as, complementando-as (MANTOAN,2015, p. 79)

Entretanto, o trabalho do professor é uma parceria com a família, conforme defende a Declaração de Salamanca (1994, p.13):

A educação de crianças com necessidades educativas especiais é uma tarefa compartilhada por pais e profissionais. Uma atitude positiva dos pais ajuda a integração escolar e social. Os pais de uma criança com necessidades educativas especiais precisam de apoio para poder assumir suas responsabilidades. A função das famílias e dos pais poderia ser melhorada, facilitando-se a informação necessária de forma simples e clara; satisfazer a suas necessidades de informação e de capacitação no atendimento aos filhos é uma tarefa de singular importância em contextos culturais com escassa tradição de escolarização.

É importante ressaltar que a família e a escola formam uma equipe, ambos devem estar abertos ao diálogo. Assim, um deve apoiar o outro, traçando objetivos comuns. Essa parceria é indispensável para um bom resultado na educação de crianças com TEA.

## **2.6 Recursos pedagógicos para crianças com TEA**

Para que uma pessoa com TEA venha se desenvolver de forma satisfatória, são necessários diversos estímulos. Um ambiente acolhedor é essencial, pois se a mesma se sentir segura e acolhida ficará cada vez mais motivada e envolvida em uma interação social, que é uma das maiores barreiras a ser enfrentada pela pessoa com TEA. Mas, também é importante o uso de metodologias adequadas e, portanto, de materiais adaptados às necessidades de cada aluno. E quanto a isso, felizmente, já há alguns métodos e recursos consolidados na área, os quais passaremos a apresentar de maneira breve.

### **2.6.1 ABA**

A sigla ABA significa Análise Aplicada do Comportamento e não se trata apenas de um método, mas de um campo de investigação, que visa o ensino de habilidades que uma criança com TEA ainda não possui. O objetivo do ABA é, especialmente, transformar comportamentos inadequados da criança com TEA em competências.

Conforme Silva *et al* (2012, p. 216):

A metodologia consiste em modificar os comportamentos inadequados, substituindo-os por outros mais funcionais. O foco da mudança baseia-se, principalmente, nos comportamentos social, verbal e na extinção de birra.

Segundo Mello (2007, p.37) “o primeiro ponto importante é tornar o aprendizado agradável para a criança. O segundo ponto é ensinar a criança a identificar os diferentes estímulos”. Por isso, a intervenção deve acontecer com a criança ainda muito pequena, mas, para tanto, é necessário o diagnóstico antecipado. Mas, se considera que o método também favorece aos jovens e adultos.

Em linhas gerais o método funciona da seguinte forma: O professor vai apresentando uma instrução para que seja realizada pela criança. Se a criança responder de forma satisfatória, receberá um estímulo. Segundo Mello (2007), se em vez de responderem de forma negativa derem respostas satisfatórias, deverão ser recompensadas, pois essa atitude reforçará o comportamento adequado.

Para Mello (2007), é importante que essa recompensa seja algo agradável ou que a mesma tenha a oportunidade de escolher. Por algum tempo, algumas crianças irão necessitar de uma ajuda para se adaptar ao método, podendo ser uma ajuda total ou parcial. Mas, paulatinamente, é possível que essa ajuda seja retirada aos poucos, de maneira que a criança não se torne dependente dessa ajuda. Entre outros, pretende-se com o método, fazer com que a pessoa com TEA conquiste a sua total autonomia.

Esse tratamento é baseado muito na repetição, e muitas críticas surgiram em relação a essa abordagem, relatando que “robotizariam” as crianças. Mas, para muitos, o ABA tem trazido muitos benefícios à pessoa com o transtorno do espectro autista, tendo destaque a relevância que o mesmo tem no envolvimento da família.

## 2.6.2 TEACCH

O método TEACCH (Treatment and of Autistic and Related Communication Handicapped Children), em português significa Tratamento e Educação para crianças com Autismo e com Distúrbios Correlatos Da Comunicação. De acordo com Mello (2007) o método foi pensado pelo Dr. Eric Schopler e outros interessados, nos anos 60,

na Universidade da Carolina do Norte. Trata-se de uma adaptação de ambiente, dos materiais e das atividades, tendo como objetivo um maior aprendizado da criança com TEA, fazendo com que ela se torne cada vez mais independente, tanto no ambiente escolar como no familiar.

Nesse método são utilizados cartões, fotos ou figuras que facilitam o entendimento do que se espera que a criança realize, podendo variar de criança para criança, de acordo com o nível de desenvolvimento. Inicialmente, faz-se uso de fotos da própria criança realizando as atividades, pois isso facilita sua compreensão. No entanto, à medida que vão aprendendo, passa para a demonstração da atividade em desenho. Progressivamente, a demonstração se faz com figuras contendo a palavra escrita, e posteriormente, apenas as palavras. (MELLO, 2007)

Uma sala baseada no método TEACCH apresenta diferentes espaços: um espaço para que o aluno realize seus trabalhos individualmente, um espaço destinado para trabalhos em grupo, e um espaço para o lazer. Além disso, a sala também deve dispor de rotinas e horários individuais, onde são transportadas para o lugar que será realizada a atividade proposta, sempre utilizando as imagens como forma de comunicação. Nestes ambientes, as atividades deverão estar em forma sequencial e os profissionais deverão dar orientações claras e objetivas. (MELLO, 2007)

Para Mello, as maiores críticas feitas ao método “têm sido relacionadas à utilização com crianças de alto nível de funcionamento”. E destaca:

A nossa experiência tem mostrado que o TEACHH, adequadamente usado, pode ajudar muito estas crianças. Temos conseguido resultados acima do esperado, não de forma súbita e milagrosa, mas como fruto de um trabalho demorado e sempre voltado para as características individuais de cada criança. (MELLO, 2007, p. 36).

Percebe-se que, apesar das críticas, esse é um método que facilita o desenvolvimento e a aprendizagem da criança com TEA. A rotina traz a previsibilidade no dia a dia da criança, ressaltando que ela deve ser bem clara e definida. Mas, nada precisa ser tão rígido a ponto de não ser alterado em favor da criança. Para que a criança venha a aprender a encarar mudanças sem temor, essas modificações precisam ser realizadas de modo processual, ou seja, aos poucos. Nas palavras de

Mello (2007, p. 55) “você pode achar paradoxal, mas ao mesmo tempo em que a rotina é importante é importante também aprender a aceitar mudanças”.

### 2.6.3 PECS

O PECS (Picture Exchange Communication Sydtem) significa Sistema de Comunicação através da troca de figuras, em português. É, portanto, um tipo de Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). Em linhas gerais pode ser entendido como um método em que se utilizam cartões com imagens que auxiliam na comunicação de pessoas que não possuem a linguagem verbal ou que tenham dificuldades para se comunicar (MELLO, 2007).

Nesse contexto, algumas variações do TEA são bem beneficiadas por esse método, especialmente os autistas clássicos, pois possuem extrema dificuldade de se expressarem através da linguagem verbal ou não verbal. Nesses casos, o PECS é uma oportunidade que a criança com TEA tem de expressar suas necessidades, escolhas e vontades.

As figuras ficam reunidas em uma pasta ou álbum onde a criança dá a figura que comunica sua vontade ou necessidade. Em contrapartida, é imediatamente atendida, recebendo o que deseja como resposta. Tem sido muito aceito em todo o mundo por conta de que se trata de um método simples e barato que qualquer pessoa pode confeccionar, além de funciona para todas as idades. É importante saber que não se restringe às crianças que não possuem linguagem verbal, mas, também funciona como uma ferramenta de organização dessa linguagem naquele que já a possui (MELLO, 2007).



### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Tipo de Pesquisa

O trabalho apresentado é baseado num estudo qualitativo, onde os dados são compostos de explicações detalhadas, objetivando analisar e compreender os sujeitos da pesquisa (GOLDENBERG, 2004). Foi utilizado o método do estudo de caso, por entender que seria o que melhor se adequaria aos objetivos propostos.

Quanto a isso, nos apoiamos nas ideias de Goldenberg que diz:

O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de apreender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto. Através de um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística. (GOLDENBERG, 2004, p. 33,34).

#### 3.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram: Um aluno de nove anos, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista. CID- 10 da deficiência constatada F 84.0, que será identificado como Y; sua mãe que aqui será identificada como M; 5 (cinco) professores da instituição onde Y estuda.

Os professores, aqui identificados como P1, P2, P3, P4 e P5, possuem experiência com crianças com TEA, e alguns foram professores de Y, conforme vê no quadro abaixo:

**Quadro 1: Professores da Escola de Y.**

| <b>Identificação</b> | <b>Tem experiência com TEA</b> | <b>Tem experiência com Y</b> |
|----------------------|--------------------------------|------------------------------|
| P1                   | SIM                            | NÃO                          |
| P2                   | SIM                            | NÃO                          |
| P3                   | SIM                            | SIM                          |
| P4                   | SIM                            | SIM                          |
| P5                   | SIM                            | SIM                          |

Fonte: Dados da autora.

### 3.3 Instrumentos da Pesquisa

Para a elaboração deste trabalho foram necessários os seguintes procedimentos: Leitura de livros, publicações e trabalhos relacionados ao assunto em estudo. Para coleta de dados foi realizada uma pesquisa de campo na instituição escolar onde o aluno estuda. Foi elaborado um roteiro de observação estruturado para observar e registrar acontecimentos do cotidiano do aluno na escola.

Para o preenchimento do roteiro contamos com a participação dos professores e da mãe do aluno, especialmente oferecendo informações relevantes. De posse do roteiro tivemos por objetivo analisar o processo de desenvolvimento do aluno com TEA, ou seja, os avanços ou até mesmo os retrocessos, durante os anos de 2012 a 2017, quando atuamos diretamente na escola. O roteiro recolheu informações relativas as três áreas de comprometimento autístico, que são as de comunicação, socialização e comportamento.

Foi realizada uma entrevista com a mãe de Y, que durou cerca de 1 hora e 30 min e foi realizada em uma sala de aula, apenas com a presença do entrevistador e o pesquisado. Durante a entrevista, a mãe se sentiu à vontade e expressou seus reais sentimentos, relatando acontecimentos pessoais, passados e atuais.

Também utilizamos como instrumento o questionário junto aos professores, pois, que de acordo com Amaro *et al* (2005, p.3)

Um questionário é um instrumento de investigação que visa recolher informações baseando-se, geralmente, na inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, coloca-se uma série de questões que abrangem um tema de interesse para os investigadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos.

Este questionário foi elaborado e distribuído aos cinco professores, contendo dados de identificação, como: idade, formação, nível de ensino, onde leciona no momento. Além disso, o questionário apresenta duas questões fechadas (com marcação de Sim ou Não) e quatro questões abertas.

Sobre as questões fechadas, Amaro *et al* (2005, p.5) destaca as seguintes vantagens:

(...) “rapidez e facilidade de resposta; Maior uniformidade, rapidez e simplificação na análise das respostas; Facilita a categorização das respostas para posterior análise; Permite contextualizar melhor a questão”.

Quanto as questões que são abertas, os autores salientam que as vantagens são as seguintes:

Preza o pensamento livre e a originalidade; Surgem respostas mais variadas; Respostas mais representativas e fieis da opinião do inquirido; O inquirido concentra-se mais sobre a questão; Vantajoso para o investigador, pois permite-lhe recolher variada informação sobre o tema em questão. (AMARO *et al*, 2005, p.5).

Assim, o questionário totaliza seis questões, que buscam investigar, as informações adquiridas durante a formação inicial dos professores sobre o TEA, se vivenciaram experiências junto à crianças com o TEA, as dificuldades enfrentadas na experiência docente, os cursos de formação continuada, além de alguns conceitos a respeito do assunto e da inclusão para este público alvo.

### **3.4 Análise dos Dados**

A fim de melhor discutimos os dados, os mesmos serão apresentados separadamente. Primeiro apresentaremos e analisaremos os dados coletados na entrevista com a mãe de Y, para em seguida pontuar as questões discutidas com os professores e, por fim, o roteiro de observações.

#### **3.4.1 Entrevista com a mãe de Y**

A entrevista com a mãe de Y teve 14 questões norteadoras. As mesmas serão apresentadas e analisadas uma a uma.

Na questão 1, quando questionamos sobre o recebimento do diagnóstico, a mãe informou que sentiu “ muita dor” (SIC). A mãe ainda diz que embora já soubesse do diagnóstico (o mesmo só foi confirmado quando Y tinha nove anos), ela sofreu com a notícia. Informa também que esses anos de espera por um diagnóstico foi muito difícil,

pois a mesma procura especialistas “desde que Y era bem pequeno” (SIC). M relata que, quando engravidou e descobriu que eram gêmeos, não foi nenhuma surpresa, pois já tinha dois casos de gêmeos na família. M acredita que o autismo do seu filho é de ordem genética, e quanto a isso, reforça a ideia dizendo que tem uma prima diagnosticada com o TEA.

Na questão 2, perguntamos em que idade aproximadamente ela percebeu algo de diferente em Y. M responde que a partir de 1 ano e 8 meses, as diferenças em Y foram se evidenciando. Ela conta que observava o irmão gêmeo de Y e fazia comparações entre eles, podendo constatar o desenvolvimento de um, e do outro não. A mãe ressalta que nunca tinha ouvido falar em TEA. No início pensou em outras possibilidades como a esquizofrenia, mas “nunca passou pela minha cabeça que era autismo” (SIC)

Perguntamos na questão 3, em que área específica do comprometimento autístico, estão os primeiros sinais percebidos em Y. M diz que percebeu diferenças nas áreas de comunicação e comportamento, pois Y não falava, enquanto seu irmão conseguia se comunicar normalmente. M também percebia movimentos diferenciados, como ficar andando de um lado para o outro, a sua dificuldade em olhar nos olhos. M diz que um fato marcante ocorreu quando seus filhos eram pequenos e ela deu para cada um, uma bola de sopro. O irmão de Y reagiu normalmente e ficou feliz, enquanto Y ficou muito assustado e chorou bastante.

M ressalta vários acontecimentos que foram chamando sua atenção para o comportamento de Y. Ela conta que quando fez o teste da orelhinha, na ocasião eles tinham aproximadamente 3 anos de idade, Y “resistiu muito” (SIC). Segundo M, os médicos até pensaram em dopá-lo para conseguirem realizar o teste.

Na questão 4, questionamos se pelo fato de ter Y como filho, ocorreu alterações na vida familiar, no que diz respeito ao relacionamento conjugal. M responde que “não, nos unimos para enfrentar as dificuldades. Os cuidados a prestar ao nosso filho são igualmente desempenhados pelos dois” (SIC). M ainda acrescenta que o pai de Y faz o possível para acompanhá-lo nas consultas, pois é bastante presente. Mas, confessa que não é fácil lidar com uma criança autista e que existem momentos em que um dos dois se estressa com a situação. E, nessas ocasiões, um apoia o outro.

Na questão 5, perguntamos o que mudou na vida dela com a chegada de Y. A mesma diz que “adaptei o meu dia a dia em função dele” (SIC). Ela conta que não dormia direito, pois Y acordava constantemente durante a noite.

Na questão 6, quando perguntamos sobre a vida social, M afirma que seus hábitos sociais foram alterados. Ainda nesta questão ela diz que conta muita com ajuda de toda família, pois quando precisa sair, a família dá suporte e cuida de Y.

Na questão 7, indagamos se M já passou por alguma situação desconfortável. Quanto a isso, M declara que nunca viveu episódios de preconceito claramente, ou seja, ninguém chegou a falar diretamente a ela algo que a magoasse, mas, a mesma diz que conseguia perceber olhares, reprovando o comportamento de Y, e outros olhares demonstrando certo medo. M acrescenta “o olhar das pessoas diz muita coisa”(SIC).

Sobre o assunto, M ainda diz que antes Y fazia sons de “Huuuuuu” com mais frequência, e isso chamava bastante atenção, fazendo com que os olhares das pessoas se voltassem ainda mais para ele, e isso a deixava constrangida.

Na questão 8, questionamos como era a rotina de Y em casa. Ela nos conta que ele “é independente, mas precisa de alguns auxílios” (SIC). Como por exemplo, na hora do banho, M tenta ao máximo deixar que Y seja independente, mas ainda é necessário estar próximo, pois, sem supervisão, Y usa todo o shampoo e fica no banho por muito tempo, pois ele gosta muito de água. M ainda nos relata que Y se alimenta sozinho, porém, faz muita sujeira.

Questionamos sobre as habilidades de Y. Segundo M ele é muito habilidoso com os desenhos e os realiza com bastante rapidez e muitos detalhes. M nos conta que o quarto de Y é todo cheio de desenhos feitos por ele. O mesmo desenha e cola nas paredes e fica incomodado se alguém mexer ou retirar. M ainda diz que seu quarto já não cabe mais, fazendo com que ele comece a preencher a sala. Y se expressa muito bem no papel.

Sabemos que as crianças com TEA possuem gostos e interesses restritos, com Y não é diferente. Ele gosta muito do mundo animal, conhece dezenas deles, inclusive o nome de cada um em inglês. Todos da família se surpreendem com tanto conhecimento. Mas o que mais lhe interessa é o boi. M relata que Y se sente muito bem

no sítio da família em Mogeiro, onde têm muitos animais, “ele fica muito feliz” (SIC). M ainda nos fala do desejo que tem em comprar um sítio para Y futuramente.

Sobre o comportamento, M relata alguns traços do comportamento de Y. Destaca o apego a rotinas (especialmente para a evacuação), o gosto pelo celular e habilidade com o mesmo, gosto por vídeos, além de dificuldades com noção de tempo, o que faz com que não compreenda que não há aula no sábado ou nos horários de almoçar e jantar.

Na questão 09 e 10, perguntamos se Y dorme bem e se faz uso de medicamento. M responde que a partir de janeiro de 2017, com o uso de medicação, ele dorme tranquilamente e a noite toda. Perguntamos sobre a medicação, e M informou que se trata de Melatonina<sup>1</sup>.

Na questão 11, questionamos sobre os apoios que a mesma tem recebido dos profissionais da área de educação e da saúde. A mesma diz que é “positivo, pois meu filho tem se desenvolvido bastante” (SIC). M dá mais destaque a educação e diz que a saúde tem deixado muito a desejar. E manifesta sua decepção que o diagnóstico tenha sido dado muito tarde, embora ela tenha iniciado o processo desde cedo. Nesse aspecto, M também informa que mesmo com o diagnóstico em mãos, dado pela Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad), Y não está recebendo acompanhamento dos profissionais especializados, pois não conseguiu vaga, ainda.

Na questão 12, procuramos saber qual é o conhecimento de M sobre os direitos previstos por lei para seu filho. Ela afirma: “desconheço a maior parte das leis e dos benefícios a que tenho direito” (SIC). Mas, contraditoriamente, M informa que Y já possui passagem gratuita para viagens interestaduais e que recentemente procurou o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para fins de aposentadoria de Y. Lamenta também que tenha sido informado pelo INSS que, por Y ter pais comerciantes, Y não ter direito. M nos conta que está inconformada e diz que ainda vai correr atrás, mesmo acreditando que seja muito difícil. E acrescenta: “é um direito dele, não nosso” (SIC).

Com tom de insatisfação M fala que Y tem o benefício de comprar um automóvel mais barato, mas lamenta que para moradia, ele não tenha esse benefício. Concluindo

---

<sup>1</sup> Melatonina trata-se de uma droga que induz o sono e a sua manutenção.

a questão 12, M diz que “necessito de maior informação sobre o autismo e as necessidades específicas do meu filho” (SIC).

De modo geral, percebemos que M é bem informada a respeito dos direitos de Y e talvez o que ela necessite em conhecer mais o TEA para conseguir mais argumentos para conquistar os direitos que ele dispõe.

Na questão 13 perguntamos como M acha que as outras pessoas veem o autismo. E M responde que “como uma doença” (SIC). Em seguida, na questão 14, questionamos sobre as suas perspectivas em relação ao futuro de Y e a mesma diz que “ele seja o mais independente possível” e “não sofra nenhum tipo de discriminação” (SIC). M fala ainda que não sabe prever ou imaginar o futuro de Y, como vai ser e estar quando for adulto, apenas ela deseja que ele seja independente e muito feliz.

Como se pode ver, a mãe de Y é interessada no assunto, se dedica ao filho e não é leiga. No entanto, fica evidente seu descontentamento com alguns aspectos como a legislação e o atendimento na área da saúde. M diz acreditar que o autismo seja algo de fator genético, e não se pode descartar a possibilidade, apesar de que até então não sabermos as reais causas do TEA. Sobre a questão genética destacada por M, Silva *et al* (2012) declara que em estudos genéticos em gêmeos univitelinos que possuem 100% do material genético compartilhado, tem-se detectado que quando um dos gêmeos tem autismo, o outro terá 90% de chances de ter, embora, alguns não tenham. Já para os bivitelinos, as chances caem para 4,5%, o que leva a hipótese de fatores de ordem genética, ainda carentes de investigação.

Felizmente observamos que a mãe de Y age de forma que ele tenha maior independência, sempre incentivando Y a fazer as coisas sozinhas, tendo em vista que essa seja uma das suas maiores preocupações futuras. Sobre esses incentivos Silva *et al* (2012) “recomenda que:

Ajude-o a aprender e realizar atividades básicas da vida diária (ABVDs), tais como: vestir-se, comer sozinho, tomar banho, se trocar. No início, pode ser necessário que você execute as atividades junto com seu filho, mas, com a prática, ele conseguirá realizá-las sozinho.

Durante a entrevista, também percebemos a satisfação de M ao relatar as habilidades de Y como desenhar muito bem, ter um conhecimento amplo sobre os

animais e falar o nome de todos em inglês com uma ótima pronúncia. Mas, noutras famílias nem sempre isso ocorre. Nas palavras de Silva *et al* (2012, p. 66) “é comum que os pais caiam na armadilha de apontar apenas os comportamentos problemáticos das crianças. Ao fazerem isso, podem perder de vista as habilidades e os pontos fortes que elas possuem”.

### 3.4.2 Questionário com os Professores

O questionário aplicado aos professores foi dividido em duas partes. A primeira consta dados de identificação. O primeiro item que se refere à idade, no qual 60% tem mais de 40 anos, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 2: Faixa etária dos professores**

| <b>Identificação</b> | <b>Idade</b> |
|----------------------|--------------|
| P1                   | 51 anos      |
| P2                   | 20 anos      |
| P3                   | 47 anos      |
| P4                   | 52 anos      |
| P5                   | 22 anos      |

Fonte: Dados da autora.

No segundo ponto, ainda na parte de identificação, procuramos saber a formação dos professores. O resultado foi que 100% tem formação em Pedagogia sendo que 40% possui pós-graduação, conforme podemos ver a seguir:

**Quadro 3: Formação docente**

| <b>Identificação</b> | <b>Formação</b>                                       |
|----------------------|-------------------------------------------------------|
| P1                   | Pedagogia / pós graduação em Planejamento Educacional |
| P2                   | Pedagogia                                             |
| P3                   | Pedagogia                                             |
| P4                   | Pedagogia / Pós graduação em Gestão Educacional       |
| P5                   | Pedagogia                                             |

Fonte: Dados da autora



E na terceira e última questão da primeira parte do questionário, buscamos identificar em que área os professores atuam. O resultado foi o seguinte: 40% atuam na Educação infantil e 60% atuam no Ensino fundamental I, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 4: Nível de atuação**

| <b>Identificação</b> | <b>Leciona no (a)</b> |
|----------------------|-----------------------|
| P1                   | Ensino Fundamental I  |
| P2                   | Educação Infantil     |
| P3                   | Educação Infantil     |
| P4                   | Ensino Fundamental I  |
| P5                   | Ensino Fundamental I  |

Fonte: Dados da autora.

A outra parte do questionário é composta de seis questões, tendo como objetivo analisar os conhecimentos desses professores sobre o TEA, suas experiências e dificuldades com o espectro.

Com relação a questão 1, se na formação inicial tiveram alguma disciplina que lhe preparassem para intervir junto a alunos com NEES (Necessidades Educacionais Especiais) inclusive com o espectro autista, 100% dos professores responderam que Sim. Na questão 2, quando perguntamos se os professores já tiveram experiências com crianças com TEA, 100 % responderam que Sim.

Na questão 3, quando questionamos sobre as dificuldades no exercício da atividade docente em relação a crianças com TEA, obtivemos os resultados seguinte: 40% afirma que a sua dificuldade está na relação do ensino e aprendizagem e a necessidade de uma metodologia diferenciada; 20% declara que o que mais dificulta a sua prática docente é a agressividade; 20% afirma que a dificuldade é na comunicação, em entender o que a criança sente pelo fato das mesmas possuírem disfunções na comunicação.

A fim de ilustrar as respostas dadas, destacamos que para P1

(...) “é necessária à formação especializada para lidar adequadamente com a criança autista [...] considero necessário apoio de especialistas nas escolas, acompanhamento no desenvolvimento e aplicação diferenciada dos conteúdos” (SIC).

Para os professores que destacam a agressividade, ilustramos com a fala de P3 que diz: “crianças com TEA quando recebem um não pode, eles agredem o primeiro amiguinho que estiver na sua frente, até mesmo o professor” (SIC).

E para aqueles que destacam a questão da comunicação, destacamos a fala de P2 que declara que “uma das dificuldades é em alguns momentos controlar ou até entender principalmente quando a criança não fala” (SIC).

Em linhas gerais, podemos perceber que, embora os professores digam que tiveram acesso ao conhecimento sobre o TEA e tenham experiência com alunos com o transtorno, fica evidente as dificuldades quanto a lidar com os 3 sintomas principais do TEA: comportamento, comunicação e interação, demonstrando que os mesmos não conhecem os métodos a serem adotados para um melhor aproveitamento das habilidades dos sujeitos.

### 3.4.3 Observação com registro em roteiro

Com o objetivo de analisarmos o processo de inclusão de Y em uma escola regular iremos apresentar uma avaliação processual e investigaremos o seu desempenho na escola durante os anos de 2012 a 2017.

Em 2012 Y é matriculado na atual escola em que estuda, sem nenhuma comunicação da família a respeito das suas dificuldades, mas segundo a Diretora da escola e a professora, elas já tinham percebido algo de diferente em Y, e já pensavam na possibilidade do TEA. Por esse motivo já iniciaram um trabalho voltado para que o aluno pudesse se desenvolver de maneira satisfatória.

**Quadro 5: Roteiro de Observação - 2012**

| <b>INTERAÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <b>COMPORTAMENTO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <b>COMUNICAÇÃO</b>                                                                                                                                                       |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Extrema dificuldade em interagir com as pessoas e de olhar nos olhos;</li> <li>• Forte resistência em permanecer na escola e principalmente na sala de aula.</li> <li>• É agressivo quando recebe um “não”;</li> <li>• Agride professor e colegas;</li> <li>• Se auto agride.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta movimentos corporais estereotipados, correndo de um lado para o outro na sala e no pátio;</li> <li>• Não brinca com seus colegas, ficando só com um brinquedo ou com um livro;</li> <li>• Quando alguns dos seus colegas chegam perto, ele se afasta e muda de lugar para ficar só;</li> <li>• Anda na ponta dos pés e tem o hábito de enfileirar objetos;</li> <li>• Medo de balões<sup>2</sup>;</li> <li>• Usava fraldas.</li> <li>• Gosto por desenho e pintura.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Não se comunica de nenhuma forma, apenas faz ruídos sem definições como: HUUUUU;</li> <li>• Não atende aos chamados;</li> </ul> |

Fonte: Registro da autora.

Em conversa com a primeira professora de Y, em 2012, ela conta que passou a pesquisar mais sobre o autismo e passou a adotar estratégias de usar palavras ou comando curtos, como por exemplo: “não pode” quando ela queria que ele não pegasse o brinquedo do amigo; “volta”, quando o aluno saía da classe na hora das atividades ou “senta” quando tinha alguma apresentação no pátio, cinema ou teatro.

<sup>2</sup> Segundo a diretora nas festas proporcionadas pela escola evitavam usar balões, mas, existem festas proporcionadas por pais de alunos e a escola não proibia o uso.



Figura 1 – Aluno demonstrando dificuldade na interação e em se manter sentado.

Fonte: Arquivo disponível em <http://www.jacomecavalcanti.com/>

#### Quadro 6: Roteiro de observação – 2013

| INTERAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | COMUNICAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Já está adaptado à escola e não chora mais para ficar;</li> <li>• Bastante dificuldade em interagir com as pessoas procurando sempre se isolar;</li> <li>• O contato visual é muito limitado;</li> <li>• A agressividade com o professor e colegas ainda é bem presente;</li> <li>• Já não se auto agride;</li> <li>• Não pousa para fotos.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os movimentos corporais estereotipados são constantes;</li> <li>• Dispõe de um período curto de atenção;</li> <li>• Ri ou chora sem motivos;</li> <li>• Ainda anda na ponta dos pés e enfileira objetos, porém com menos frequência em relação ao ano de 2012;</li> <li>• É desfraldado, mas não utiliza o banheiro, quando</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Começa a balbuciar “papapa” que seria papai;</li> <li>• Não expressa o que quer como, por exemplo: beber água;</li> <li>• Utiliza as pessoas como instrumento para conseguir o que quer.</li> </ul> |

|  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |  |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|  | <p>sente vontade faz no pátio da escola;</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Seu interesse e habilidade com os desenhos crescem passando a serem feitos com muitos detalhes. Aprecia desenhar animais na fazenda;</li><li>• Se concentra nos livros observando as figuras atenciosamente.</li></ul> |  |
|--|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Fonte: Registro da autora.

Figura 2 – Aluno com dificuldade de olhar para as câmeras.



Fonte: Arquivo disponível em <http://www.jacomecavalcanti.com/>

Figura 3 – Aluno e sua habilidade com os desenhos



Fonte: Arquivo disponível em <http://www.jacomecavalcanti.com/>

#### Quadro 7: Roteiro de Observação - 2014

| INTERAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | COMUNICAÇÃO                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Começa a apresentar interesse em brincar com seu irmão, primos e pessoas mais próximas da família, no entanto, ainda costuma se isolar e brincar sozinho;</li> <li>• O contato visual acontece em um período de tempo muito curto, mas já pausa e sorri para fotos mesmo com dificuldade em manter o olhar fixo</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os movimentos corporais estereotipados, ainda são frequentes;</li> <li>• Não demonstra falta de aceitação das mudanças em relação à alimentação, seu lanche é sempre bem variado;</li> <li>• Fica agitado quando tem alguma festa ou apresentação na escola que saia da sua rotina diária;</li> <li>• Deixa o hábito de</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Começa a falar palavras como: Papai, mamãe, gogó para se referir a vovô e titi para titio e titia;</li> <li>• Já atende aos chamados.</li> </ul> |



|                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                |  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| para as câmeras;<br><ul style="list-style-type: none"> <li>• Ainda tem muita dificuldade em se manter na sala de aula;</li> <li>• Ainda demonstra agressividade quando recebe um “não”.</li> </ul> | andar na ponta dos pés e de enfileirar objetos;<br><ul style="list-style-type: none"> <li>• Gosta de ficar observando o movimento do ventilador;</li> <li>• Seu gosto por desenhos, pintura e livros é bem forte;</li> <li>• Aprendeu a escrever seu primeiro nome.</li> </ul> |  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Fonte: Registro da autora.

Figura 4 – Aluno andando pela sala na feira de ciências



Fonte: Arquivo disponível em <http://www.jacomecavalcanti.com/>

**Quadro 8: Roteiro de Observação - 2015**

| <b>INTERAÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                          | <b>COMPORTAMENTO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <b>COMUNICAÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                      |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta mudanças significativas na socialização;</li> <li>• Apresenta-se em público;</li> <li>• Ainda manifesta em alguns momentos à agressividade, puxando o cabelo da professora.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ainda apresenta movimentos estereotipados frequentemente;</li> <li>• Realiza as atividades de classe, mas, devido seu pouco tempo de concentração logo demonstra estar cansado;</li> <li>• Desenvolve uma boa coordenação motora fina ao escrever;</li> <li>• Se desperta um interesse extremo pelo meio rural e por animais, principalmente pelo boi;</li> <li>• Começa a utilizar o banheiro;</li> <li>• Mostra bastante interesse e habilidade em atividades de recorte e de pintura;</li> <li>• Seu gosto por livros só aumenta, de preferência os com figuras de animais;</li> <li>• Constantemente corria até o banheiro para tomar banho;</li> <li>• Reconhece todas as letras do alfabeto e junta as sílabas simples.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Começa a falar muitas palavras soltas como: Boi, cavalo, galinha, mas, ainda não forma frases completas;</li> <li>• Reconhece e pronuncia o nome de todas as professoras da escola.</li> </ul> |

Fonte: Registro da autora.



Neste ano de 2015, acontece a formatura do ABC de Y, o mesmo surpreende a todos com sua desenvoltura na apresentação junto de seus colegas, a música “Vamos Construir” (Sandy e Júnior), em alguns momentos Y não consegue encarar o público e fica de costas, mas, não deixa de se apresentar. Na hora da valsa se incomodou com o barulho da bomba de papel picado, chorando bastante, porém, se acalmou depois de um tempo<sup>3</sup>.

Para o cerimonial da formatura seria necessário que todos os alunos respondessem uma lista de perguntas, como: O que você quer ser quando crescer? Qual é a sua comida preferida? Porém, Y ainda não conseguia se expressar por meio da linguagem falada, a escola conta que facilitou suas respostas utilizando figuras para que o mesmo escolhesse. A escola mesmo sem ter conhecimento do método PECS o utiliza em algumas situações.

Figura 5- Aluno na sua formatura do ABC cantando o hino nacional



Fonte: Arquivo disponível em <http://www.jacomecavalcanti.com/>

<sup>3</sup> A diretora da escola ao relatar o caso, reconhece que foi uma grande falha, pois, não atentaram para a sensibilidade auditiva de Y.

**Quadro 9: Roteiro de Observação - 2016**

| <b>INTERAÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                      | <b>COMPORTAMENTO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <b>COMUNICAÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Evolui bastante a interação com todas as pessoas em relação aos anos anteriores;</li> <li>• Brinca com os amigos na hora do intervalo;</li> <li>• Isola-se em alguns momentos;</li> <li>• É bem aceito pelos colegas<sup>4</sup>;</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Os movimentos estereotipados e repetitivos ainda estão presentes;</li> <li>• Não demonstra nenhum apego a seus materiais escolares;</li> <li>• Incomoda-se ainda com barulhos, mas perde seu medo por balões;</li> <li>• Identifica corretamente palavras memorizadas;</li> <li>• Na hora do lanche mostra total independência;</li> <li>• Não progrediu muito na questão da leitura e escrita, permanece com as mesmas conquistas do ano anterior. Juntando sílabas simples</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Sabe pronunciar o nome de diversos animais, inclusive em inglês;</li> <li>• Já forma frases compreensíveis;</li> <li>• Responde perguntas simples como nome do pai, mãe, irmão;</li> <li>• Ecolalias imediatas e tardias estão bem presentes;</li> <li>• Não usa os pronomes você e eu corretamente. (inversão pronominal)</li> </ul> |

Fonte: Registro da autora.

Neste ano, Y passa a frequentar a escola também no período da manhã, ou seja, no contra turno das suas aulas, duas vezes na semana com objetivo de reforçar o seu aprendizado. Diferentemente do ano de 2014, Y participa efetivamente da feira de ciências, com o auxílio da professora mediando sua apresentação.

<sup>4</sup> Segundo os professores, todos são cientes das dificuldades de Y e todos respeitam e demonstram carinho.

Figura 6 – Aluno participando efetivamente da feira de ciências



Fonte: Arquivo disponível em <http://www.jacomecavalcanti.com/>

#### Quadro 10: Roteiro de Observação - 2017

| INTERAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | COMPORTAMENTO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | COMUNICAÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Socializa bastante com os amigos e professores;</li> <li>• Em alguns momentos procura se isolar e ficar em ambientes tranquilos;</li> <li>• Faz questão de participar das atividades em grupo;</li> <li>• Reclama com os colegas quando fazem barulho, exemplo: “Parem, por favor!” “Silêncio crianças!” (SIC).</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ainda apresenta movimentos estereotipados e repetitivos, mas com menos frequência;</li> <li>• Risos inadequados;</li> <li>• Costuma pegar o alimento de qualquer colega ou professor sem permissão;</li> <li>• Gosta muito de celular e de admirar a impressora da escola. Sabe manuseá-la</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fala quase tudo e algumas frases bem definidas;</li> <li>• Ecolalias;</li> <li>• Inversão pronominal;</li> <li>• Canta músicas inteiras e ora o Pai Nosso completo;</li> <li>• Já expressa por meio da fala o seu gosto por algumas atividades. Ex. “Y ama skate” (SIC).</li> </ul> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                |  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Já não é agressivo<sup>5</sup>;</li> <li>• Participa de fato das aulas de educação física com muito prazer;</li> <li>• Gosta muito de se apresentar para seus colegas e fica muito feliz quando é elogiado e aplaudido.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Em 95% dos seus desenhos são retratados animais</li> <li>• Copia exercícios do quadro, necessitando sempre de intervenção.</li> </ul> |  |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Fonte: Registro da autora.

Para Y é feito um planejamento educacional diferenciado considerando suas necessidades, seguindo os conteúdos do ano em que ele se encontra.

As atividades são adaptadas e relacionadas com o seu interesse, que no caso é em animais, mas, as atividades não deixam de acompanhar o currículo de toda turma, as mesmas, são sempre bem coloridas e com bastantes figuras, preferencialmente de animais. Isso motiva Y a realizar as atividades propostas. Como diz de Silva (2012, p.157) “Para personalizar as atividades escolares, podemos lançar mão de variados recursos: dividi-las em pequenas etapas, traduzi-las em figuras para melhor compreensão do conteúdo escolar, dentre outros”.

Como declara Mantoan (2015, p. 36) “nem todas as diferenças necessariamente inferiorizam as pessoas. Há diferenças e há igualdades – nem tudo deve ser igual, assim como nem tudo deve ser diferente”. Com isso, faz se necessário um planejamento individualizado para Y, diferente dos demais alunos.

Y Conhece os numerais, mas precisamente de 1 até 50 identificando antecessor e sucessor. A partir da indicação do numero 60, por exemplo, Y consegue continuar a sequência corretamente e assim adiante. Não realiza operações matemáticas e não pensa em termos abstratos. Formar palavras a partir das sílabas ditadas pela

<sup>5</sup> De acordo com a professora, quando Y recebe um “não pode” ou quando não consegue realizar algo e se irrita, ele apenas abraça forte e chora, mantendo os olhos fechados por um tempo.

professora, com dificuldade nas sílabas mais complexas. Percebesse que Y esta iniciando a fase silábica alfabética. Na maioria das vezes em sua escrita ele consegue relacionar a grafia das palavras com seu valor sonoro.

Figura 7 – Aluno sentado na sala de aula realizando atividade



Fonte: Arquivo da autora

Figura 8 – Aluno realizando atividade



Fonte: Arquivo da autora

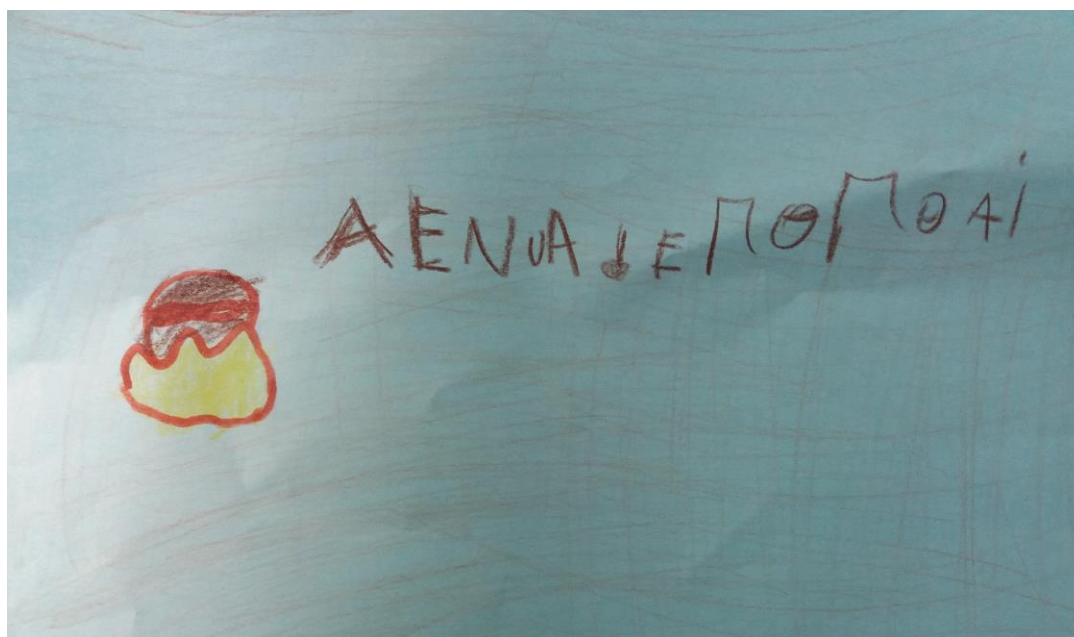


Figura 9 – Desenho realizado pelo aluno



Fonte: Arquivo da autora

Figura 10- Escrita do aluno para se referir a: A moeda de chocolate.



Fonte: Arquivo da autora

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio no desenvolvimento humano com incidência maior em meninos. O TEA se caracteriza por disfunções nas áreas de socialização (que são as mais evidentes) no comportamento e na comunicação. Apesar das características em comum, as crianças com TEA são diferentes uma da outra, podendo ter o mesmo diagnóstico, porém, cada uma com suas particularidades. Segundo Silva (2012) podemos dividir o transtorno em categorias como: Traços leves do autismo, Síndrome de Asperger, Autismo de alto funcionamento e Autismo clássico e cada um desses possui características específicas.

Essas características que podem ser observadas antes mesmo dos 2 anos de idade irão acompanhar a criança durante toda sua vida. Ainda não se sabe os fatores que levam uma criança a apresentar o TEA, consequentemente por não se ter as causas definidas, ainda não existe a cura. Mas essa inexistência de cura não quer dizer que a criança com TEA não possa se desenvolver positivamente, pelo contrário, existem tratamentos que podem reduzir os sintomas contribuindo assim com o seu desenvolvimento. Para isso, a participação da família e da escola é imprescindível.

O diagnóstico do TEA é algo bastante doloroso para a família, e que necessita de uma dedicação intensa e constante, mas, apesar das tristezas, dos medos e insegurança, a família precisa encarar o diagnóstico com força e determinação, iniciando os tratamentos adequados, para que a mesma possa receber as intervenções o quanto antes, visto que, elas serão determinantes no desenvolvimento da criança.

Por esse motivo é necessário uma parceria entre a família e a escola, pois, juntos, irão trabalhar da mesma forma, ou seja, estabelecendo os mesmos objetivos e metas a serem alcançados. Sabe-se que não é nada fácil tornar uma escola inclusiva; é necessário que cada um assuma o seu papel, tanto a família como também a escola, buscando fazer justo o direito das crianças com TEA de frequentarem uma escolar regular e que as mesmas venham ter a mesma educação que as outras crianças têm.

Porém, um dos maiores desafios educacionais em relação às crianças com TEA é o de inserir as mesmas na escola regular. Além de garantir esse acesso, que é um direito das crianças com TEA, a escola tem o papel de assegurar a permanência e a

participação efetiva dessas crianças em todas as atividades escolares. Entretanto, para que essa permanência aconteça com qualidade é necessário a utilização de métodos e um planejamento individualizado, levando em consideração as especificidades das crianças com TEA, ou seja, respeitando as suas diferenças e reconhecendo suas habilidades.

O professor é um dos principais mediadores e responsáveis para que essa inclusão tão descrita em teorias venha se consolidar na prática, por isso a necessidade de uma formação pedagógica de qualidade para que esses professores estejam preparados para atender as diferenças na sala de aula, buscando estratégias e condições para que o processo de aprendizagem aconteça e que tenha êxitos.

A partir dessas constatações, a elaboração deste trabalho possibilitou-nos um conhecimento mais aprofundado sobre o Transtorno do Espectro Autista e o papel que a família e a escola têm no desenvolvimento dessas crianças.

Através da análise dos questionários respondidos, constatamos que as maiores dificuldades relatadas pelos professores de Y, estão ligadas a tríade de sintomas autísticos. A maior parte apontou a agressividade como um dos fatores que dificultam o ensino aprendizagem. Outros professores alegam que o que também dificulta é a falta de comunicação das crianças com TEA, pelo fato de não conseguirem comunicar aos outros o que querem ou o que estão sentindo. Todos os professores analisados não possuem formação específica em TEA, e fica claro o desconhecimento das metodologias, ABA, TEACCHER e PECS que poderiam ser adicionadas em suas práticas, possibilitando um maior desenvolvimento em relação a essas dificuldades. Devido essa falta de utilização e conhecimento de métodos, os professores demonstram insegurança em suas práticas.

No entanto, por intermédio das observações realizadas percebe-se que houve mudanças no decorrer dos anos em relação ao desenvolvimento de Y, todavia apesar da falta de formação específica na área e desconhecimento de métodos, os professores juntamente com a escola e a família buscaram estratégias, para superar as necessidades de Y e atingir os objetivos traçados.

Como pudemos averiguar por meio do nosso roteiro de observação, no que diz respeito à interação, Y evolui bastante, pois o mesmo não se relacionava com ninguém,



sentia dificuldades em atividades em grupo e muita irritação e agressividade quando era contrariado. Atualmente Y não é mais agressivo e sua interação com outros não está tão prejudicada, até já faz questão de participar de todas as atividades, porém se isolando em alguns momentos. Em relação à comunicação houve um progresso significativo passando de quadro no qual Y não verbalizava de nenhuma forma para um quadro em que Y verbaliza diversas palavras e frases bem definidas. Quanto aos comportamentos Y se desenvolve consideravelmente, já imita os colegas, e permanece na sala fazendo suas atividades, porém, ainda apresenta frequentemente movimentos estereotipados.

Felizmente através deste trabalho pudemos despertar na escola de Y a consciência e o compromisso de ir em busca de conhecimentos a respeito dos métodos e utiliza-los com Y e com outras crianças diagnosticadas na escola, pois a mesma reconhece o quanto Y teria se desenvolvido com a utilização de métodos especializados.

Mediante a tudo que vivenciamos durante este trabalho, podemos afirmar que a parceria escola e família trás grandes contribuições para o desenvolvimento da criança com TEA, não apenas para elas e sim para qualquer criança. Além disso, a realização deste trabalho foi de grande relevância para minha formação como pedagoga e também como pessoa, despertando em mim um desejo ainda maior de me superar como profissional, lutando pela inclusão das crianças com deficiência, inclusive as com TEA, fazendo a diferença na vida delas e assim me realizar profissionalmente.

## REFERÊNCIAS

AMARO, A. PÓVOA, A. MACEDO, L. A arte de fazer questionários. Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. 2005. Disponível em <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2015/03/A-arte-de-fazer-question%C3%A1rios.pdf>

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: **manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 976 p. Disponível em: <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeducador/2015/DSM%20V.pdf>. Acessado em 2 out. 2017

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

GOLDENBERG, Mirían. **A arte de pesquisar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. 57 p.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Rev. Bras. Psiquiatr. [online]. 2006, vol.28, suppl.1, pp.s3-s11. ISSN 1516-4446. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf>. Acessado em 22 out. 2017

Leite, A. (29 de julho de 2014). CAA – **Comunicação Aumentativa e Alternativa: o que você precisa saber!** Disponível em Reab: <https://www.reab.me/caa-comunicacao-aumentativa-e-alternativa-o-que-voce-precisa-saber/> Acesso em 25 de out. 2017

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar – O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015. 96 p.

MARINHO, Eliane A. R. MERKLE, Vânia Lucia B. "**Um olhar sobre o autismo e sua especificação**." IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. 2009. Disponível em: <http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/UM-OLHAR-SOBRE-O-AUTISMO-E-SUAS-ESPECIFICA%C3%87%C3%95ES.pdf>

MELLO, A. M. Ros de. Autismo guia prático. 7. Ed. São Paulo: AMA; Brasília: Corde, 2007. 104 p.

PAULON, S. M; FREITAS, L. B. L; PINHO, G. S. Documento subsidiário à política de inclusão – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005. 48 p.

SILVA, A. B. B. GAIATO, M. B. REVELES, L. T. **Mundo singular: entenda o autismo.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2012. 190 p.

STELZER, Fernando Gustavo. **Uma pequena história do autismo.** Cadernos Pandorga de Autismo. Rio Grande do Sul: Editora Oikos, 2010. V.1 38 p.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual do autismo. Guia dos pais para o tratamento completo.** 4. ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2017. 96 p.

Yin, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 200 p.

# APÊNDICES



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a responder o questionário que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “O PROCESSO DE INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA COM TEA NO ENSINO REGULAR” realizado pela estudante Thamires Thayane Costa do Nascimento, do curso de Pedagogia da UFPB, sob a orientação da Profa. Dra. Sandra Alves da Silva Santiago.

Se estiver de acordo, responda o questionário a seguir e assine este termo.

**QUESTIONÁRIO**

**1. Ao receber o diagnóstico de TEA do seu filho, como você se sentiu:**

- a) (    ) Tranquilo, já esperava.
- b) (    ) Com muita dor
- c) (    ) Sentimento de revolta
- d) (    ) Com força e a vontade para superar as dificuldades.

**2. A partir de quando você notou algo de diferente no seu filho?**

- a) (    ) 0-3 anos
- b) (    ) 4-6 anos
- c) (    ) 7-9 anos

**3. Os 1º sinais percebidos por você foram em que área específica?**

- a) (    ) Socialização

- b) (    ) Linguagem/comunicação
- c) (    ) Comportamento

**4. O fato de ter este filho alterou a sua vida familiar?**

- a) (    ) Contribuiu para melhorar a nossa relação conjugal.
- b) (    ) O relacionamento afetivo com o meu marido/esposa foi prejudicado com o nascimento deste filho.
- c) (    ) Nos unimos para enfrentar as dificuldades. Os cuidados a prestar ao nosso filho são igualmente desempenhados pelos dois.
- d) (    ) Sou eu quem desempenha a maior parte dos cuidados básicos e de saúde a prestar ao nosso filho.

**5. O que mudou na sua vida com a chegada do seu filho?**

- a)(    ) “Obriga-me” a passar muitas noites sem dormir.
- b)(    ) Adaptei o meu dia a dia em função dele.
- c)(    ) Em casa “ocupa-me” todo o tempo porque requer muita atenção e cuidados.
- d)(    ) Não mudou em nada.

**6. A chegada do seu filho alterou seus hábitos sociais?**

- a)(    ) SIM
- b)(    ) NÃO

**7. Já passou por alguma situação desconfortável?**

- a)(    ) SIM
- b)(    ) NÃO

**8. Como é a rotina do seu filho em casa?**

- a) (    ) Normal, como de qualquer outra criança.

- b) (    ) É bastante dependente para realizar atividades como tomar banho, se alimentar, se vestir entre outras atividades.
- c) (    ) É independente, mas precisa de alguns auxílios.

**9. Dorme bem?**

- a) (    ) Sim
- b) (    ) Não

**10. Faz uso de medicação?**

- a) (    ) Sim \_\_\_\_\_
- b) (    ) Não

**11. Qual a sua opinião em relação aos apoios que tem recebido de profissionais da educação e da saúde?**

- a) (    ) Positivo. Meu filho tem se desenvolvido bastante.
- b) (    ) Negativo. Não consigo enxergar avanços.

**12. Qual é o seu conhecimento sobre os direitos previstos por lei para seu filho com TEA?**

- a) (    ) Desconheço a maior parte das leis e dos benefícios a que tenho direito.
- b) (    ) Necessito de maior informação sobre o autismo e as necessidades específicas do meu filho.
- c) (    ) Tenho total conhecimento dos seus direitos.

**13. Como você acha que as outras pessoas veem o autismo?**

- a) (    ) Como uma doença.
- b) (    ) Culpa dos pais por não terem aplicado os limites necessários.
- c) (    ) Um jeito de ser
- d) (    ) Outro \_\_\_\_\_

**14. Quais são as perspectivas para o futuro do seu filho?**

- a) (    ) Que ele seja o mais independente possível.
- b) (    ) Não sofra nenhum tipo de discriminação.
- c) (    ) Tenho consciência das suas limitações. É bom ver os progressos do dia a dia, mas não crio grandes expectativas.
- d) (    ) Não tenho nenhuma expectativa. Perdi todas as esperanças.

**Concordo em responder a pesquisa, estando ciente que a mesma não representa nenhum risco para mim e que posso dela me retirar a qualquer momento.**

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Participante





**3. Quais são as dificuldades que você sentiu ou sente no exercício da sua atividade docente em relação a uma criança com TEA?**

---

---

---

---

---

---

---

**4. Você já fez algum curso sobre o TEA?**

a) (    ) SIM \_\_\_\_\_

b) (    ) NÃO

**5. Como você define o TEA?**

---

---

---

---

---

---

---

**6. Como trabalhar a inclusão em uma sala de aula?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Concordo em responder a pesquisa, estando ciente que a mesma não representa nenhum risco para mim e que posso dela me retirar a qualquer momento.**

João Pessoa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_

Assinatura do Participante



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**THAMIRES THAYANE COSTA DO NASCIMENTO**

**ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO**

|                           |
|---------------------------|
| <b><u>ANO DE 2012</u></b> |
| <b>INTERAÇÃO</b>          |
|                           |
| <b>COMUNICAÇÃO</b>        |
|                           |
| <b>COMPORTAMENTO</b>      |
|                           |